

1. Como entrou em contato com o Psicodrama?

Na verdade, eu conheci o psicodrama antes de Moreno. Aconteceu por acaso, através de algumas de suas obras ("Sociometria e Psicodrama"). Eu estava trabalhando com grupos de crianças e adolescentes com o enfoque psicanalítico, no Hospital Infantil (Seção Psiquiatria Infantil). Mas a psicanálise não dava resposta a muitas perguntas que me surgiam, e não a via realmente como eficaz em grupos. A partir de uma situação de impasse com um dos grupos, busquei outros modelos e recursos. O Psicodrama me atraiu e pareceu que poderia funcionar neste campo. Comecei a usar as técnicas Psicodramáticas nos grupos, em 1957 ou 1958, e foram muito eficazes.

2. Como se deu seu primeiro encontro com Moreno?

Em 1961o vi pela primeira vez dirigindo um Psicodrama Público em Nova York. No início de 1962 me aproximei de Moreno, lhe contei sobre minhas atividades Psicodramáticas em Buenos Aires e meu interesse em residir por um tempo nos Estados Unidos para receber uma formação psicodramática diretamente dele. Ele se interessou e me pediu para escrever e enviar-lhe o meu currículo. Como resultado, recebi uma bolsa de estudos no Instituto de Moreno e fui para o Beacon para me formar com ele.

Na época em que realizei a formação com Moreno, suas atividades eram, em sua maioria, de Psicodrama Público; este trabalho com o público e especialmente a ressonância no auditório, foi o que mais me interessou. Também foi importante a liberdade que dava aos que faziam estágio com ele, delegava plenamente o trabalho a quem estivesse dirigindo no momento e depois revizávamos em conjunto o trabalho em questão, ainda por cima, constantemente nos incentivava a seguir nosso próprio caminho.

3. Qual a percepção que tinha de Moreno, quando estudava com ele? Hoje, ao olhar para trás, isto mudou?

Como já disse, o trabalho com o público era impressionante. Decepcionou-me um pouco a brevidade das dramatizações e que era tudo muito verbal, com muitos comentários. No entanto, apesar disso, as dramatizações eram produtivas.

Em relação à teoria e à metodologia, me pareceu que havia descobertas importantes, mas com uma certa falta de estrutura, em primeiro lugar, eu tentei proporcionar mais organização aos conceitos de Moreno; escrevi artigos e um pequeno livro ("Introdução Psicodrama") com esta finalidade. A partir daí surgiram conceitos como o de Contextos, Unidade Funcional, que se tornaram tão incorporados no Psicodrama, que às vezes são atribuídos à Moreno. Rapidamente, a prática clínica com o Psicodrama me levou a criar novos conceitos e contribuições teóricas e metodológicas para a compreensão e articulação entre teoria e prática. O psicodrama com pacientes psicóticos foi essencial aqui. Também o trabalho com os pacientes em grupo e

individualmente. Surgiram assim os conceitos de Objeto Intermediário e Intra-intermediário, O Esquema de Papéis do Núcleo do Eu, as Técnicas de Comunicação Estética, o Conceito de Contextos, de Unidade Funcional, a Construção de Imagens Psicodramáticas, O Teste de Papéis, A Sequência de Máscaras, a Psicodança ... Tudo isto foi articulando uma maneira de trabalhar em Psicodrama que surgia das necessidades e a prática clínica com pacientes diferentes e ia pouco a pouco se ampliando para além do modelo de Moreno, que finalmente tornou-se mais um elemento histórico do que de utilização atual.

4. De onde surgiu a inspiração para a Teoria do Núcleo do Eu?

Como eu disse antes, o campo do Psicodrama foi se ampliando para mim com novas contribuições a partir da prática profissional e das respostas que eu também buscava em outras ciências e áreas psicoterapêuticas (foi fundamental aqui a Neurofisiologia, também a Etologia, a Psicologia evolutiva, a Psicanálise...). Tentei adotar esses elementos integrando-os no modelo psicodramático.

A Teoria do Núcleo do Eu, surgiu a princípio por minha insatisfação frente a duas teorias: a Psicanalítica e a Moreniana que, embora imaginasse que continham elementos importantes da "verdade", não explicavam do meu ponto de vista, o psíquico adequadamente.

Por exemplo, Moreno, com seu enfoque na zona oral, me levou a estudar a Etologia e nela encontrei abordagens similares às minhas em termos de comunicação natural: Eu falava de Estruturas Genéticas Programadas e os etólogos, de Esquemas Produtores.

Freud fala da boca como zona oral. Moreno a amplia incluindo boca e peito, porém fisiologicamente, o efector específico da fome é o estômago, e eu o tomo como ponto de partida para o que irá estruturar-se como Papel de Ingeridor. A boca e a relação boca-peito estão envolvidas neste papel, mas já não como um ponto de partida, mas como uma etapa no processo de descoberta do que está fora, por parte da criança.

Com o Núcleo Eu deu-se uma sensação de descoberta, no sentido de uma imagem (o círculo dividido em três partes), que organizava vários conceitos evolutivos (Papéis Psicossomáticos) e estruturais da personalidade (as áreas psíquicas resultantes e o Núcleo do Eu, como um todo) e o Esquema de papéis. Este conceito surge a partir da observação e da abordagem psicodramática de situações de intenso ensimesmamento de pacientes psicóticos internos no hospital, o que me trouxe a idéia de um Si mesmo Psicológico que "envolve" o Eu, e a elaboração dessas noções.

A Neurofisiologia me deu o elemento que me permitiu integrar tudo isso com um novo sentido, já que percebi o neurofisiológico como uma espécie de orientador que fornecia dados mais objetivos a partir dos quais podia observar e refletir sobre a estruturação do Psiquismo, que se completa com o Esquema de Papéis. No "Núcleo do Eu" aparecem estes antecedentes.

5. A teoria do Núcleo do Eu sofreu modificações ao longo do tempo?

Quanto à teoria do núcleo do Eu e o Esquema de Papéis, a observação clínica e os avanços na neurociência as investigações sobre o funcionamento do cérebro me levaram a distinguir dois aspectos do Eu: Eu Natural e Eu Social. Alguns pacientes, muitos deles sofrendo de adições, relatavam uma sensação de "vazio interior", ou não serem capazes de "puxar" os elementos internos que os perturbavam. Por outro lado, outros pacientes se mostravam muito voltados para o social, eram pacientes que frequentemente sugeriam que não sabiam por que se sentiam mal, tristes ou deprimidos, quando tudo em sua vida "estava bem", não apareciam neles materiais oníricos, tinham poucas imagens mentais... Me pareciam estar funcionalmente separados de seu Núcleo do Eu, de seu mundo interno. Sumariamente, relatei essas características com o funcionamento dos hemisférios cerebrais (HI / HD) e com dois aspectos do Eu, um mais relacionado ao Núcleo Eu (HD, Eu Natural) e outro relacionada com a Estrutura Social (HI, Eu Social).

Metodologicamente, talvez a mudança mais importante se tenha dado em função do trabalho com imagens Psicodramáticas.

A leitura de formas se deu desde o início, de acordo com a importância que teve para mim imediatamente o fato de que a ação não só gerava e expressava emoções, mas que os movimentos, gestos, postura, o corpo em ação e interação, mostravam ao diretor de Psicodrama importantes diretrizes sobre o psicológico e sua organização. A relação Forma/Conteúdo aparecia em sequências que iam elucidando o sentido do realizado pelo Protagonista e a organização de seu material. A leitura de formas, tanto de aquecimento como na construção das imagens e na dramatização, é um guia essencial para o avanço no material apresentado pelo protagonista e sua elaboração.

A Leitura de formas se dá também com as palavras, que são também formas e mostram a organização do material verbal, nós observamos sobretudo as imagens que surgem dentro do discurso, que revelam que a linguagem verbal não foi o suficiente para expressar a emoção vivenciada. Por exemplo, quando numa seqüência verbal se introduz uma imagem "ela disse que não queria me ver e me afundei". Esta última parte é para ser tomada literalmente, para ser dramatizada e observar a que formas (corporais ou de plásticas) se refere... onde, como se afundou, etc.

Ir da imagem, para a forma visual, foi imediato. Já no Congresso de Psicodrama de São Paulo (1970), havia vários trabalhos, meus e de outros profissionais que haviam se formado comigo, com o tema da Construção de Imagens. No início, era uma técnica para acessar o conteúdo interno do protagonista sobre algo vivido por ele (uma situação real ou uma dramatização). Depois por sua riqueza psicoterapêutica, adquiriu força própria para expressar e mostrar elementos de organização mental do protagonista, até passar a configurar uma linha metodológica central no Psicodrama.

Acho que as imagens são um elemento fundamental nos transtornos mentais, bem como na psicoterapia. A imagem psicodramática fornece um tipo de "mapa" das experiências tal como estão organizadas internamente, com os elementos mais prevalentes dentro do material do paciente. Por isso, na minha

prática atual, as dramatizações giram em torno de imagens psicodramáticas, que funcionam como elementos centrais. Os Estudos da neurociência, a partir dos anos 60 até o presente, apoiam este modelo.

6. Como a utiliza (sua teoria), em seu trabalho atual?

A Teoria Nucleo do Eu e o Esquema de papéis são uma referência para compreender o paciente. Não é algo procurado anteriormente, mas surge em função do material que vai surgindo.

7. Conte-nos um pouco sobre seus trabalhos mais recentes.

Já há algum tempo, estamos revisando elementos culturais em relação ao corpo e suas formas evolutivas. Como a iconografia, os ritos e os mitos em suas origens e evolução tem suas bases em elementos fundamentais do desenvolvimento evolutivo humano. Por exemplo, o batismo com água, com água benta... e o líquido amniótico .

8. Em seu livro "Introdução ao Psicodrama", você cita o Psicodrama Psicanalítico como sendo um método derivado que combina a teoria psicanalítica com a teoria psicodramática. Na prática, como isso dá essa combinação? Você poderia dar um exemplificar?

Naquele momento, tendo vindo da psicanálise, utilizávamos a interpretação como um instrumento terapêutico, como técnica combinada à metodologia psicodramática. Houve duas variáveis principais dentro deste desenvolvimento metodológico: primeiro a interpretação após a dramatização, que tinha o problema de perder a urgência. Além disso, as interpretações psicanalíticas realizadas durante a dramatização costumavam deter a fluidez da dramatização. Por isto, se implementou a interpretação "a partir do papel " desempenhado pelo ego-auxiliar em um momento determinado , no qual o ego-auxiliar , através da consigna do diretor, introduzia a interpretação no papel que estava desempenhando adequando-a a situação atual.

Isto foi criando uma maneira mais propriamente psicodramática: adoção pelo ego-auxiliar das características complementares do papel do protagonista , por exemplo, em um relacionamento de casal, se o protagonista desempenha o papel de marido com características imaturas ou filiais, o ego-auxiliar no papel da esposa passa a desempenhar esse papel com características marcadamente maternas , para evidenciar o vínculo. A interpretação passava assim a fazer parte do papel complementar desenvolvido pelo ego-auxiliar. Assim, com o desenvolvimento da teoria e metodologia psicodramática, os elementos psicanalíticos foram sendo gradualmente abandonados.

9. Pensando em desenvolvimento, existem correlações entre as teorias do Núcleo do Eu e a da Matriz de Identidade?

A relação é Matriz de identidade - filho, Moreno a chama de "placenta social" da criança que, semelhante à matriz biológica, o nutre. O Núcleo do Eu, é um modelo da estruturação do Psiquismo, seria resultado da interação precoce entre o bebê e sua Matriz de Identidade. O Núcleo do Eu refere-se mais especificamente à interação entre os elementos da Matriz de Identidade e do bebê, que resultam em marcas mnêmicas que vão estruturando os Papéis Psicossomáticos e, finalizando, o Núcleo do Eu, e suas características estão relacionadas com do tipo de complementação alcançado.

10. O conceito de Objeto Intermediário e sua utilização passaram por reformulações ou ampliações?

11. O que é Objeto Intra-intermediário?

Justamente, o OII (Objeto Intra-Intermediário) surgiu como uma modificação do conceito da OI (Objeto Intermediário) assim que o Objeto passou a ser usado pelo protagonista. Aí se percebeu que adquiriu outro sentido, aparecia uma função diferente do Intermediário, que chamamos de Intra-Intermediário: o indivíduo ao manejar o objeto (fanteche, máscara...) mostrava conteúdos que de outra forma não apareciam ou demoravam a aparecer. O OII atuava como um "catalisador" dos próprios conteúdos internos.

Por sua vez, a elaboração do conceito de OI nos primórdios deu lugar à conceituação do Eu e do Si Mesmo Psicológico e o Esquema de Papéis. O Núcleo do Eu, o Esquema de Papéis e o Objeto Intermediário foram três elementos que foram se convergindo até a elaboração de uma forma que os unia e articulava a todos.

12. Você poderia nos falar um pouco sobre as correlações que faz entre neurociência e psicodrama?

Como mencionei antes, o meu interesse pela Neurociência em relação ao psicodrama foi pela necessidade de encontrar pontos de referência certos e verificáveis relacionados à psicologia evolutiva, quanto à informação que a criança pode estar processado, e a estrutura de personalidade (Núcleo do Eu e Esquema de Papéis).

Na prática psicodramática, foi a busca da atividade mental relacionada com gestos, posturas, movimentos e construções (como as imagens, máscaras, etc.), a informação fornecida (voluntária ou involuntariamente) pelo paciente. Imagem, fala e dramatização referem-se a diferentes tipos de atividade cerebral, baseadas na primazia da atividade do HD (hemisfério direito) ou HI (Hemisfério esquerdo), que ocorrem ao longo da sessão de psicodrama. Além disso, a teoria do Núcleo do Eu e o Esquema de Papéis tem um referencial neurofisiológico que para mim, foi fundamental para elaborar um modelo de estruturação do mental.

13. Como as Intervenções psicodramáticas atuam nos processos neurofisiológicos?

A metodologia psicodramática, ao envolver não apenas a palavras, mas também o movimento corporal e as imagens, ao dramatizar e concretizar imagens psicodramáticas, mobiliza mais o pensamento e ativa mais elementos cerebrais do que outras técnicas. Por exemplo, é comum que ao passar para o palco surjam recordações, imagens mentais, que não haviam surgido na mesma pessoa quando sentada no contexto grupal.

14. Como está posicionado a seu ver o psicodrama na Espanha e na Europa?

Na Espanha, o psicodrama é praticado no nível privado e institucional em diferentes ambitos: saúde mental, psicoterapia, educação, intervenção social...

15. Tem acompanhado o movimento psicodramático no Brasil?

Desde que formei os primeiros grupos de psicodrama no Brasil, eu sempre estive mais ou menos ligado ao seu desenvolvimento através de várias associações da Bahia e do Nordeste, Rio de Janeiro e São Paulo ... e o de agora vocês que podem contar .

16. Como você vê o psicodrama no século XXI?

Um problema que eu vejo no psicodrama é a dispersão teórica, de forma que as diferentes escolas e modelos psicodramáticos compartilham um pouco mais que um "setting" um esquema muito básico, e os elementos teóricos e metodológicos são muitas vezes tomados de outros modelos psicoterapêuticos e apresentam grandes divergências. O perigo é o da dissolução e redução do Psicodrama, com a conseqüente perda de seu poder elucidativo e psicoterapêutico, também acontece que várias correntes psicoterapêuticas tem tomado elementos do psicodrama, muitas vezes, sem mencionar sua origem. Nossa escola sugere contribuições e um modelo de psicodrama baseado em estágio/na prática e na clínica psicodramática, que toma elementos de outras ciências modificando-os e adaptando-os a este modelo e que, espero, proporciona uma teoria e metodologia sólidas e desenvolvidas que permitam continuar , aprofundar e progredir no caminho .